



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Encontro de Carros de Boi de Cururupu - relações entre carreiros e seu animais

Autoria: Edilson de Jesus Sá (UEMA - Universidade Estadual do Maranhão)

O Encontro de Carros de Boi de Cururupu, que acontece desde 2009, trouxe a baila várias questões que estão para além do ofício de carrear (transporte de mercadorias em carros de boi). Observamos que existem vários tipos de relações entre os carreiros e seus animais. De início percebemos uma relação laboral, os animais para alguns carreiros são ?companheiros de work?, mas, também outras relações. Os animais que puxam os carros não são animais para abate/alimentação ao menos no primeiro momento, sua vida laboral determina. Para além, essa relação é construída durante o período de adestramento para a função (animais jovens levar para comer, banhar e acostumar o animal a utilizar as peças do carro de boi etc. treinados muito cedo). Para outros carreiros é mais evidente uma relação mais afetiva: ?é meu filho?, ?ele sabe quando chego em casa?, ?eles tem um lugar especial na casa só deles?, são como ?membros da família?. Entretanto, em nossa opinião, o mais forte exemplo desse estreito relacionamento são os nomes que são dados aos animais, em geral compostos relacionados a história particular do carreiro, as vezes, brincadeiras. Nomes como ?Deus que me deu?, ?Agora sim? ou ?Não te importa?, todos referentes a uma história pessoal, uma conquista ou uma brincadeira com forte representatividade particular para quem coloca o nome. Durante o encontro fazem



questão que seus bois estejam bem cuidados, os que podem compram cordas novas (que prendem os animais) o fazem, pintam os carros além de fazerem questão de demonstrar o quanto seus animais são mansos e bem adestrados, caso contrário são alvos das brincadeiras. Os animais ocupam diferentes lugares no espectro simbólico e prático dos carreiros, são estimados, parceiros de work. Outros confessam que o carro de boi é seu único passatempo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: